


**unesp**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara - SP**

LINCON LUIZ VANETI

# BANCO DE DADOS COM TERMOS DE PARENTESCO



ARARAQUARA – S.P.  
2017



LINCON LUIZ VANETI

## **BANCO DE DADOS COM TERMOS DE PARENTESCO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Linguística e Língua Portuguesa.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristina Martins Fargetti**

**Bolsa: IC - CNPq**

ARARAQUARA – S.P.  
2017

## **BANCO DE DADOS COM TERMOS DE PARENTESCO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Linguística e Língua Portuguesa.

**Lincon Luiz Vaneti**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristina Martins Fargetti**

**Bolsa: IC - CNPq**

Data da defesa/entrega: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### **MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristina Martins Fargetti**  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

---

**Membro Titular: Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Jorge Domingues Lopes**  
Universidade Federal do Pará

---

**Membro Titular: Prof.<sup>o</sup> Ms. Mateus Cruz Maciel de Carvalho**  
Universidade Estadual Paulista (doutorando)

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
**UNESP – Campus de Araraquara**

À minha família, à minha orientadora, aos povos indígenas de todo o mundo e àqueles que, de um modo ou de outro, me ajudaram a chegar até aqui.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, em especial a meus pais, sem os quais literalmente eu não estaria aqui escrevendo estas linhas.

Também agradeço à Professora Cristina Martins Fargetti, que me orientou durante toda a graduação como aluno e pessoa, num percurso que resultou neste trabalho. Sua paciência e compreensão foram importantíssimas, e creio realmente seja um exemplo de humanidade a ser seguido por quem quer que a conheça.

Apesar de nunca ter ido a campo, agradeço aos povos indígenas cujas línguas foram aqui mencionadas, pois sua boa vontade foi o que permitiu e ainda permite muitos pesquisadores irem até seus lares e estudarem suas línguas.

Agradeço aos pesquisadores das línguas indígenas, que com persistência documentam parte da riqueza cognitiva humana.

Agradeço ao CNPq pela bolsa de estudos, em nível de Iniciação Científica, ligada ao Projeto **Uma proposta de obra lexicográfica para os Juruna/Yudjá do Xingu**, coordenado por minha orientadora, Processo 477669/2013-1.

Deixo meus agradecimentos aos funcionários da Biblioteca e do Polo de Informática pela organização e eficiência. Livros e computadores são essenciais para qualquer pesquisa.

## RESUMO

Termos de parentesco são palavras existentes em uma dada língua de uma dada cultura e que servem para situar um indivíduo em suas relações sociais comparativamente a outros, pois cada sujeito ocupará uma posição e função permitida por essa mesma posição nas tais relações, isto é, nas estruturas de parentesco (LÉVI-STRAUSS, 1976; GHASARIAN, 1996). Considerando a importância social e cultural dessas estruturas e a necessidade de se investigar o rico patrimônio linguístico e cognitivo que são as línguas indígenas brasileiras, pensou-se num banco de dados que abrangesse apenas termos de parentesco de algumas dessas línguas. Assim, 20 dicionários de 20 línguas diferentes foram escolhidos e suas macroestruturas foram percorridas a olho nu de modo que os termos de parentesco ali arrolados fossem depois transcritos em planilhas do programa Microsoft Excel. Coletaram-se ao total cerca de 2000 termos, tanto no sentido LI>PB, quanto no sentido PB>LI. O intuito desse banco de dados é possibilitar que posteriormente pesquisadores do Grupo LINBRA realizem estudos comparativos entre as línguas no âmbito do parentesco, além de proporcionar uma leitura crítica a respeito de como as obras lexicográficas se propõem como dicionários de línguas indígenas, leitura essa brevemente levada a cabo no presente trabalho.

**Palavras – chave:** Línguas indígenas. Parentesco. Metalexigrafia. Banco de dados.  
Palavra-chave.

**ABSTRACT/ RESUMEN/ RÉSUMÉ**

Kinship terms are words existing in a given language of a given culture and which serve to situate an individual in his social relations comparatively to others, since each subject will occupy a position and function allowed by that same position in such relations, that is, in the Structures of kinship (LÉVI-STRAUSS, 1976; GHASARIAN, 1996). Considering the social and cultural importance of these structures and the need to investigate the rich linguistic and cognitive patrimony that are the indigenous languages of Brazil, it was considered a database that included only terms of kinship of some of these languages. Thus, 20 dictionaries from 20 different languages were chosen and their macrostructures were scanned and nudged so that the kinship terms therein were transcribed into Microsoft Excel spreadsheets. There were collected some 2000 terms, both in the sense IL>BP, and in the sense BP> IL. The purpose of this database is to enable researchers of the LINBRA Group to carry out comparative studies between languages in the context of kinship, besides providing a critical reading about how the works that are proposed as dictionaries of indigenous languages, reading this briefly taken In this paper.

**Keywords:** Indigenous languages. Kinship. Metalexigraphy. Database.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2 OBJETIVO</b>	<b>11</b>
<b>3 METODOLOGIA</b>	<b>12</b>
<b>4 PROBLEMAS ENCONTRADOS</b>	<b>16</b>
<b>5 PARENTESCO, BANCO DE DADOS E LEXICOGRAFIA</b>	<b>17</b>
<b>5.1 Parentesco</b>	<b>17</b>
<b>5.2 Banco de dados</b>	<b>20</b>
<b>5.3 Lexicografia</b>	<b>23</b>
<b>5.3.1 Conceitos lexicográficos</b>	<b>25</b>
<b>6 VERBETES E PARENTESCO DENI E RIKBAK TSA</b>	<b>26</b>
<b>6.1 Análise dos verbetes</b>	<b>26</b>
<b>6.2 Parentesco Deni</b>	<b>30</b>
<b>6.3 Parentesco Rikbaktsa</b>	<b>33</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS (OBRAS TEÓRICAS)</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS (OBRAS LEXICOGRÁFICAS)</b>	<b>40</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>42</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>44</b>
<b>ANEXO A – Termos de parentesco Deni</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Com o intuito de traçar críticas lexicográficas a propostas de dicionários de línguas indígenas e montar um banco de dados linguístico que contenha vocábulos de tais línguas, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristina Martins Fargetti distribuiu, para alguns de seus orientandos, a tarefa de coletar, de obras lexicográficas, palavras de campos semânticos específicos, como música e botânica (cf. CAVALCANTE; MATEUS; VANETI, 2017, no prelo). Esse trabalho em conjunto visa levar adiante a proposta de Fargetti (2016, no prelo) sobre Terminologia Etnográfica, cujo debate gira em torno da necessidade de se investigar as culturas indígenas sem que se valha de parâmetros ocidentais científicos, artísticos, morais, etc. Assim, ficou a nosso encargo, em projeto de iniciação científica com bolsa provida pelo CNPq vinculado aos trabalhos desenvolvidos sob supervisão da Dr.<sup>a</sup> Fargetti no grupo LINBRA (Grupo de Pesquisa de Línguas Indígenas Brasileiras), a tarefa de coletar aquelas palavras a que antropólogos como Lévi-Strauss (1976), Ghasarian (1996) e Marie (1975), dentre tantos outros, denominam “termos de parentesco”, palavras ligadas a estruturas sociais conhecidas na antropologia por “sistemas de parentesco”.

Nosso trabalho divide-se em seis partes. Na primeira delas, “Objetivos”, apontamos o que pretendemos com nosso estudo, para então esclarecer nossa metodologia na segunda parte, “Metodologia”, explicando como coletamos as obras e os termos de parentesco e sua transformação em imagens JPEG para inserção em um banco de dados futuro. Na terceira parte, “Embasamento: parentesco, banco de dados e lexicografia”, temos o embasamento teórico de que necessita nossa discussão, elucidando ao leitor o que seja parentesco, banco de dados e lexicografia – sem esquecermos, claro, da metalexicografia. A próxima parte, “Discussão: verbetes e parentesco Deni e Rikbaktsa”, apresenta nosso olhar crítico sobre as abordagens das obras analisadas no que tange à sua organização lexicográfica e capacidade informacional sobre questões antropológicas. Na última parte, “Conclusão”, destacamos nossa posição, que será seguida das referências dos materiais de que nos valem.

## 2 OBJETIVO

Dois objetivos foram perseguidos durante a pesquisa: acúmulo de dados linguísticos de modo a contribuir com o banco de dados do LINBRA e análise crítica de obras lexicográficas (metalexicografia). Ambos objetivos foram tratados com coleta de obras lexicográficas abordando línguas indígenas, constantes de repositórios na internet, selecionando, em cada obra, os verbetes de termos de parentesco.

O banco de dados em construção, dentro do projeto maior, conterà léxico de campos semânticos específicos reunido por orientandos da Profa. Fargetti. Seu propósito será auxiliar futuros estudos lexicais, entre outros, feitos pelos integrantes do LINBRA.

A análise metalexicográfica visará responder perguntas pertinentes para a área: estão sendo feitas propostas de dicionários com o foco em quem, pesquisadores ou os povos indígenas? Tais propostas podem ser rotuladas como dicionários propriamente ditos ou são apenas listas de palavras no que respeita à apresentação dos verbetes? Como tem se dado a abordagem dos sistemas de parentesco pelos autores? Houve embasamento antropológico? A obra simplesmente registra os termos ou traz informações e esquemas que auxiliam o consulente (indígena ou não) a entender o sistema de parentesco daquele povo? Esta última pergunta é de relevada importância dado o papel que as relações de parentesco possui na “organização social, econômica e política” (GHASARIAN, 1996, p.11) das sociedades humanas, isto é, compõem sua cultura. Afinal, como bem nos diz Lévi-Strauss (1973a, 1973b), os sistemas são uma espécie de linguagem, e como linguagem também são cultura, a classificar os indivíduos em um determinado grupo, como também afirma Marie (1975, p.15). Ou seja: é imprescindível que os sistemas sejam abordados adequadamente, uma vez que o propósito de um dicionário é registrar a linguagem de um povo – e, conseqüentemente, seu universo cultural.

### 3 METODOLOGIA

Podemos dividir nossa metodologia em cinco etapas:

- 1) Coleta, via Internet, de dicionários de línguas indígenas em formato PDF. Total de 20 obras que, em ordem alfabética, são: Apalaí (KOEHN & KOEHN, 1995), Arikapu (RIBEIRO, 2008), Deni (KOOP & KOOP, 2008), Djeoromitxi (RIBEIRO, 2008), Guajajara (HARRISON & HARRISON, 2013), Hupd'äh (RAMIREZ, s.d.), Jarawara (VOGEL, 2006), Ka'apór (CALDAS, 2009), Kadiwéu (GRIFFTHS, 2002), Matis (FERREIRA, 2005), Maxakalí (SILBRASIL, 2005), Oro'mon (SOUSA, 2009), Parakanã (SILVA, 2003), Paresí (ROWAN, 2001), Parintintin (BETTS, 1981), Paumarí (SALZER;CHAPMAN, s.d.), Rikbaktsa (SILBRASIL, 2007), Tariana (AIKHENVALD et al 2001), Terena (SILVA, 2013) e Xavante (HALL;McLEOD; MITCHELL, 1987).
- 2) Coleta dos verbetes de termos de parentesco.
- 3) Inserção dos verbetes em planilhas Excel e captura fotográfica de cada verbete selecionado para sua transformação em arquivo JPEG.
- 4) Procura de materiais linguísticos e antropológicos acerca de cada língua.
- 5) E com base na procura descrita em 4, algumas obras foram escolhidas para subsidiar a análise metalexigráfica.

A etapa 1 consistiu de pesquisa simples no buscador Google. Foram salvos em pen drive o total de 24 obras, sendo que 4 não foram utilizadas para o trabalho devido a fatores como digitalização de baixa qualidade, digitalização de fotocópia ou de obras muito antigas e, por isso, graficamente desgastadas e com uma ortografia desatualizada. Os mencionados fatores impediam a correta visualização das informações, o que seria prejudicial ao trabalho. Assim, o corpus permaneceu com 20 obras, todas em PDF. Vale ressaltar que as línguas não possuem entre si parentesco linguístico ou proximidade geográfica, pois se o intuito é um banco de dados abrangente, essas características não serão limitadoras ou excludentes.

A etapa 2 foi realizada pela leitura visual de cada documento, página por página. Não se encontrou meio mais prático. Ao se deparar, na macroestrutura ou em apêndices, com termos de parentesco, logo os realçávamos graficamente com o recurso de realce oferecido pelo Adobe Reader, a fim de que sua localização futura no corpo da obra, se necessária, se tornasse mais fácil.

Os dados que alimentam um banco de dados têm de ser organizados em planilhas. Por isso, na etapa 3, os verbetes realçados na etapa anterior foram, todos eles, transcritos em planilhas do programa do pacote Microsoft Office, Excel. Todo o corpo do verbete tinha de ser transcrito, com exceção das abonações, quando existiam. Assim, foram gerados 4 arquivos

Excel, cada arquivo contendo 10 abas, que por sua vez contêm uma planilha, isto é, 10 planilhas para cada arquivo. Cada aba corresponde a uma língua. Deste modo, nos arquivos 1 e 2, com 10 abas cada, temos todos os verbetes registrados, sendo que tais verbetes são do sentido LI > PB (língua indígena > português brasileiro). Os arquivos 3 e 4 seguem o mesmo princípio, mas os verbetes ali alocados estão no sentido PB > LI. Por tratar-se de obras bilíngues, há os dois sentidos, L1 > L2 e L2 > L1 (em verdade, algumas obras possuem apenas o sentido L1 > L2). Exemplificando: no arquivo 1 temos como primeira aba a planilha referente à língua Deni no sentido LI > PB; do mesmo modo, no arquivo 3 a primeira aba também é a planilha da língua Deni, mas no sentido PB > LI. Enquanto o arquivo 3 complementa o 1, o arquivo 4 complementa o 2.

Deve-se elucidar aqui a estrutura que elaboramos para as planilhas. São 4 colunas, que da esquerda para a direita denominam-se: Vocábulo (contendo a palavra em LI ou PB, conforme o caso), Informações Gerais (remissivas, classe gramatical, observações, sinonímia, etc.; informações essas apresentadas nos próprios verbetes), Significado (trazendo as equivalências em PB ou LI, conforme o caso) e Página (indicando a página em que se encontra o verbete registrado, para caso se necessite de uma consulta à obra para verificação). As 20 planilhas seguem a mesma estrutura, o que trouxe problemas quanto à transcrição dos dados, visto que os autores organizam seus verbetes de maneiras diferentes em decorrência do embasamento teórico que tiveram. No entanto, a padronização dos registros nas planilhas tem de ser a maior possível para viabilizar a alimentação do banco de dados. Também houve empecilhos quanto às ortografias indígenas, que se valem de diacríticos e letras não necessariamente coincidentes com as fontes voltadas ao português disponíveis no programa Excel. Então, havendo problemas na transcrição de alguns verbetes, pintou-se a linha em que se encontram de rosa claro para indicar que aquele registro precisa de correção futura. Veja-se a figura abaixo:

Figura 1: Planilha 1 (colunas redimensionadas)

	A	B	C	D
1	<b>Língua: Deni</b>			
2	<b>Vocábulo</b>	<b>Informações gerais</b>	<b>Significado</b>	<b>Página (no .pdf)</b>
3	<b>A, a (p.103)</b>			
4	a'a	S.f./ Termo vocativo/ V. ar	Mãe.	44
5	abi	S.m./ Termo vocativo e de	Pai.	44
6	abuni	S.m./ Termo vocativo e	Cunhado potencial do	44
7	adi	S.f./ Termo vocativo e de r	Irmã mais velha (filha	44
8	ami	S.f./ Termo vocativo e de r	Mãe.	45
9	ashu	S.f./ Termo vocativo e de r	Irmã do pai; sogra.	46
10	atizu	S.f./ Termo vacativo e de r	Avó.	47
11	avini	S.2g./ Termo de referência	Esposa(o) potencial;	48
12	azu	S.m./ Termo vocativo e de r	Irmão mais velho (filh	48

É importante dizer que os verbetes foram transcritos seguindo a ordem alfabética em que apareciam na macroestrutura das obras, como se vê acima (salientamos que, na Figura 1, as colunas foram redimensionadas para que todas aparecessem; como se sabe, a extensão horizontal das colunas, no Excel, pode mudar conforme a quantidade de texto digitado. Mas os dados da língua Deni encontram-se ao final do trabalho, na seção Anexos). Portanto, a coluna Vocábulo (tanto no sentido LI > PB quanto no inverso) acabou sendo dividida em seções verticais, cada seção contendo as palavras de uma determinada seção/letra dos dicionários. No caso de não haver nenhum termo para aquela letra do alfabeto indígena, optou-se por pintar de cinza claro tal seção nas planilhas, para indicar a ausência de termos. Por fim, quando necessitamos escrever alguma observação nas planilhas, o fizemos de maneira que nossos apontamentos não se misturassem com os dados retirados das obras, ou seja, em colunas e células nas quais não houvesse nenhum registro retirado diretamente dos dicionários.

Ainda sobre a etapa 3, temos de discorrer sobre as imagens em formato JPEG. Buscamos transformar cada verbete encontrado em imagem JPEG para posterior uso no banco de dados. Capturas de imagens foram feitas com o auxílio de recurso do Adobe Reader que permite “tirar um instantâneo” de qualquer parte de um documento. As capturas eram colocadas dentro do programa Paint (outro do pacote básico do Microsoft Office) e, então,

salvas em pen drive no formato JPEG. Cada imagem foi nomeada de modo que se possa rastrear sua origem, isto é, o nome indica a língua, a seção da macroestrutura (qual a letra do alfabeto indígena em questão) e a página onde se encontra. O mesmo procedimento foi adotado com relação a termos que, nas obras, estavam arrolados em apêndices ou tabelas. Neste caso, a nomenclatura da imagem indica língua, apêndice, seção deste, se houver, e página. Para cada língua criamos uma pasta digital, dentro da qual agora se encontra a obra em PDF e outras pastas contendo, conforme o caso, as imagens JPEG referentes ao sentido LI >PB, ou ao sentido PB > LI, ou a algum apêndice, e assim por diante. Como era aconselhável, tentamos, na nomenclatura de pastas e arquivos de imagem, facilitar o rastreamento de onde se retirou o “instantâneo”. Tivemos, ao final, o total de 1944 imagens, incluindo nesse total, além dos verbetes presentes na macroestrutura, verbetes de apêndices e tabelas fora desta; as tabelas, quando existentes, também foram capturadas por inteiro, e não apenas cada palavra isoladamente. Podemos afirmar que por certo há verbetes repetidos, pois poderiam aparecer em mais de um lugar na mesma obra. O dicionário da língua Jarawara, inclusive, trazia esquemas antropológicos gráficos de parentesco do povo que foram também transformados em JPEG.

Figura 2: Print do verbete *Dana*, da língua Xavante. O print abaixo está denominado como “XAVANTE – D – 1 – p.24”

**dana:**  
"mãe"

A etapa 4 está concluída. São materiais (teses, dissertações de antropologia e linguística) que podem contribuir para enriquecer e nortear nosso banco de dados (estão referenciadas em “Bibliografia consultada”). No entanto, devemos registrar que materiais específicos sobre o parentesco das tais línguas são escassos. Esperamos que fique claro que a busca por informações e trabalhos antropológicos se deu pela Internet devido à sua acessibilidade e baixo custo. Consideramos a provável existência de materiais a que não tivemos acesso por não estarem disponíveis on-line. Trata-se, sem dúvida, de uma limitação de nosso trabalho.

#### 4 PROBLEMAS ENCONTRADOS

Inicialmente, pensava-se que o preparo de um banco de dados fosse algo simples, que apenas necessitaríamos ajuntar dados, organizá-los e depois inseri-los em algum software específico. Com o tempo, vimos que não era bem assim. Ao interpelarmos o técnico integrante do LINBRA, Leandro Nunes, algum tempo depois de iniciada a pesquisa, descobrimos que a construção de um banco de dados em si requer processos informáticos que ninguém de nossa equipe dominava. Precisaríamos até mesmo de um servidor e um local físico seguro para a armazenagem dos dados. Essa descoberta foi muito importante, visto que na parte inicial do período de concessão da bolsa, dispendemos tempo com algo que, no fim, não era de nossa alçada e que nos fez rever o trajeto que teríamos pela frente: ajuntar os dados e organizá-los para mais tarde serem efetivamente úteis, sem nos preocuparmos com a realização de um banco de dados propriamente dito, algo além de nosso alcance no momento. Mas a contribuição seria levada adiante, pois agora, terminada a pesquisa, o material produzido ficará disponível aos integrantes do grupo LINBRA, com supervisão de nossa orientadora, que deverá prosseguir em seu tratamento e arquivamento.

Devemos, por fim, relatar outros dois problemas, isto é, a escassez de materiais de antropologia que fossem específicos sobre os 20 povos e línguas e a escrita de diacríticos e símbolos especiais usados nas ortografias de certas línguas indígenas. Com relação aos materiais e sua escassez, isso se explica em parte pelo fato de que muitas obras não estão disponíveis via internet, nosso principal meio de busca. Não nos esqueçamos, por outro lado, de que os estudos etnográficos ainda hoje são incipientes se considerado o número de povos indígenas – mais de 200. E os estudos de línguas indígenas também estão aquém do esperado, sendo muitas ainda sequer estudadas, ou contando com estudos esparsos e/ou iniciais. Contudo, para uma continuação desta pesquisa, outros recursos de busca de obras lexicográficas deverão ser adotados, ampliando-se, portanto, a sua quantidade e, conseqüentemente, o conhecimento sobre este campo semântico, no maior número possível de línguas.

Devemos finalizar dizendo que as decisões metodológicas foram construídas, em boa parte, coletivamente, com os demais integrantes do Grupo LINBRA, reunidos sob a coordenação de nossa orientadora, em diversas reuniões de trabalho, que também contaram com o apoio de técnicos de informática. Questões simples como a transcrição de símbolos especiais e diacrítico, problema geral para todos, foi abordada, sendo a solução trabalhosa,

como sempre, mas funcional, valendo-nos do recurso ‘inserir símbolo’ na planilha do Excel. Gostaríamos de aqui registrar nossos agradecimentos aos colegas.

## **5 PARENTESCO, BANCO DE DADOS E LEXICOGRAFIA**

### **5.1 Parentesco**

Termos de parentesco são palavras usadas em referência àqueles a quem consideramos como parentes, não importa se a relação seja de consanguinidade ou apenas socialmente estabelecida (como na adoção), e que formam aquilo que em Antropologia do Parentesco se dá o nome de sistema de parentesco (GHASARIAN, 1996; MARIE, 1975). O sistema de parentesco é uma criação exclusiva de nossa espécie, não tendo correlato em nenhuma outra, de acordo com Ghasarian (1996). Já para Bateson (2002) essa exclusividade seria quebrada se pensarmos que há a proibição de incesto em espécies que não a nossa (embora “incesto” deva ser usado apenas em referência a humanos). Para Bateson, o endocruzamento é a origem da proibição do incesto por razões genéticas, e os animais consanguíneos, reconhecendo o padrão visual e comportamental de seus “familiares”, procurariam parceiros que destoassem de tais padrões, evitando o cruzamento de genes familiarmente próximos. Talvez seja essa a raiz da proibição do incesto em humanos também, uma vez que mesmo Lévi-Strauss (1976, p.42) afirma ser difícil delimitar a fronteira entre a natureza e a cultura, algo aplicável às relações de parentesco. De um modo ou de outro, tudo isso não muda o fato de que os sistemas de parentesco são de grande importância e mudam de configuração conforme a sociedade que se estuda. Assim, o sistema de parentesco brasileiro não é o mesmo que o chinês, por exemplo.

É através da estrutura do parentesco que o indivíduo se localiza como tal em sua relação com os outros que compõem seu grupo, o que implica que a organização do parentesco é coincidente, muitas vezes, com a organização social, econômica e política das sociedades humanas (GHASARIAN, 1996). Em sociedades tradicionais, diferentemente da nossa, portanto, a identificação de um indivíduo como sendo parente ou não é fundamental, já que a relação de parentesco resulta em um tratamento amistoso, ao passo que a relação com um indivíduo considerado estranho ao grupo pode até mesmo resultar em morte, dado o estatuto

de potencial inimigo que o estranho pode adquirir ao ser rotulado como estrangeiro (GHASARIAN, 1996).

Para Lévi-Strauss (1976), sistemas de parentesco são uma estrutura social, que vem a ser um “sistema de comunicação no qual todos os elementos estão em relação uns com os outros” (p.32). Uma estrutura social não seria algo visível, mas latente, algo que o antropólogo só descobriria com sua investigação minuciosa, estando, portanto, muito mais próxima daquilo que entendemos como um conceito do que algo realmente palpável, concreto. Vejamos:

Um sistema de parentesco não consiste nos elos objetivos de filiação ou consanguinidade dados entre os indivíduos; só existe na consciência dos homens, é um sistema arbitrário de representações, não o desenvolvimento espontâneo de uma situação de fato. [...]. Então, o que é verdadeiramente “elementar” não são as famílias, termos isolados, mas a relação entre estes termos. (LÉVI-STRAUSS, 1973a, p.69)

É importante dizer que a teoria estruturalista de Lévi-Strauss bebe das ideias de Ferdinand de Saussure em seu *Curso de Linguística Geral*, e que por isso o parentesco é tido sob a lógica binária da mente humana, evidente na própria linguagem, com sua natureza opositiva – por exemplo: branco > preto, vazio > cheio, alto > baixo, quente > frio, pesado > leve, etc. Pensando no caráter binário e opositivo da linguagem, entendemos porque Lévi-Strauss a usa na análise antropológica: os termos de parentesco, ligados aos sistemas de parentesco, servem, como já dito, para diferenciar, para dar uma identidade ao sujeito na relação que este tem com os outros indivíduos que compõem o grupo do qual faz parte, opondo-o ao estranho, àquele que não é do grupo.

Mas não se limitam aí as ideias de Lévi-Strauss. Para ele, a organização de um sistema de parentesco é o que vai distanciar os grupos humanos da natureza, aproximando-os da cultura. Isso porque, para Lévi-Strauss (1976), onde há desordem e espontaneidade, como por exemplo nas relações de acasalamento entre primatas, que não seguem nenhuma restrição quanto ao incesto – “parentes” próximos acasalando entre si sem nenhuma interdição –, há natureza, e onde há ordem e organização há cultura (p.46-47). Eis aí a maneira pela qual Lévi-Strauss põe os limites entre natureza e cultura, embora admita que não seja fácil delimitá-las, como dito acima, servindo, tal divisão, mais para fins intelectuais. Dissemos, quando mencionamos Bateson (2002), que a proibição do incesto está presente em outras espécies além da nossa; pois bem: não se pode concluir daí que outras espécies teriam sistemas de parentesco; havendo universalidade da proibição do incesto e não dos sistemas de parentesco,

Lévi-Strauss continua certo, portanto, ao afirmar que os sistemas nos distanciam a nós, humanos, da natureza. Evidência disso, sob nosso olhar, seria que a proibição é de um tipo só, enquanto os sistemas dividem-se em vários tipos autônomos, surgidos independentemente entre si.

De qualquer modo, a distinção entre organização e desorganização feita nos remete aos sistemas de parentesco e ao incesto, ponto importante da teoria do grande antropólogo. O incesto – a relação sexual entre pessoas do mesmo grupo, se pensarmos nas sociedades tradicionais, que vivem em pequenos destacamentos humanos, alvo de Lévi-Strauss em sua obra *Estruturas elementares do parentesco* – impossibilitaria a própria subsistência do grupo, uma vez que, sem alianças, a produção de alimentos (caça, pesca, coleta) e a guerra com grupos vizinhos seriam atividades mais custosas e danosas que o habitual. A aliança, feita por meio da exogamia – conceito antropológico que Lévi-Strauss (1976) e Ghasarian (1996) definem como sendo o dever a que o grupo obriga cada indivíduo que o compõe de arranjar cônjuge em grupos vizinhos – permite, por outro lado, a facilitação da sobrevivência. Citemos, sobre isso, Marie (1975, p.19), tendo em mente que sistemas de parentesco são calcados sobre relações consanguíneas ou não:

[...] pode-se dizer que a filiação é o princípio de constituição e de organização interna de cada grupo de parentesco, enquanto as alianças [...] são o princípio da organização das relações externas entre os diferentes grupos [...] por força da exogamia.

Ora, o casamento entre dois indivíduos de grupos diferentes cria para estes grupos um laço de parentesco, e com este laço são criadas as obrigações de um para com o outro: se o grupo A entra em guerra, o grupo B, que havia cedido uma esposa ou esposo para A, é um aliado na batalha, o que aumenta as chances de vitória de A. Do mesmo modo, em tempos de escassez alimentícia, os dois grupos podem se ajudar mutuamente, multiplicando o pouco alimento disponível. Assim, para Lévi-Strauss, a ideia de proibição de incesto é central para entendermos os sistemas de parentesco, pois não havendo tal proibição, não haveria tais sistemas.

Poderíamos afirmar, então, que os sistemas de parentesco, criados pela proibição do incesto, são características muito caras ao ser humano, já que por meio delas consegue se distanciar do estado de natureza, sob o qual estão imersas as outras espécies que nos circundam. Juntamente com a faculdade da linguagem, até onde se sabe também única da espécie humana (CRYSTAL, 1976), nos confere uma complexidade em nossas relações

diárias que nos fazem especiais sob muitos sentidos. A proibição do incesto viabiliza toda a vida social, e a “passagem da hostilidade à aliança, da angústia à confiança, do medo à amizade” (LÉVI-STRAUSS, 1976, p.107). Pois todas as trocas, que se iniciam com a troca de esposa ou esposo, não se reduzem em seu valor às coisas trocadas, mas carregam o valor social de “ligar os homens entre si e de superar aos laços naturais do parentesco os laços daí em diante artificiais” (LÉVI-STRAUSS, 1976, p.520-521).

Uma dimensão tão particular de uma cultura que é sua terminologia de parentesco requer, portanto, um cuidado especial, como salienta Fargetti (2015). Precauções metodológicas devem ser cuidadosamente tomadas quando do trabalho de coleta dos dados, de forma a evitar interferências de nossa própria cultura (FARGETTI, 2016, no prelo). Também é mister afastar o risco de que o resultado das entrevistas em campo sejam respostas que não revelem todas as informações necessárias dos termos, pois, como ensina Fargetti (2015), dentro de um sistema de parentesco dado um indivíduo pode ser, concomitantemente, marido, irmão e primo, o que levaria a potenciais erros de interpretação por parte do pesquisador em suas interpelações (vide um caso brevemente discutido neste trabalho na Conclusão e retirado de Hocart (1969)).

Evidente que aqui apresentamos uma discussão simplificada. Mas na perquirição etnográfica se faz necessário lembrar que a linguagem implica a cultura e vice-versa: “não nos lembramos suficientemente de que a língua e a cultura são duas modalidades paralelas de uma atividade mais fundamental: [...] o espírito humano” (LÉVI-STRAUSS, 1973c, p.89).

## **5.2 Banco de dados**

O banco de dados, na linguística, é de suma importância dependendo do estudo que se quer fazer. Para entendermos o básico sobre o assunto precisamos recorrer à Linguística de Corpus.

Para os estudiosos da área não é consensual se a Linguística de Corpus é uma disciplina ou uma metodologia. O melhor modo é encará-la com todas as possibilidades que oferece, ou seja, como ferramenta para outros ramos da Linguística, como a Sintaxe ou a Fonologia, ou como produtora de conhecimentos novos e às vezes capazes de refutar o que é e foi produzido em outras áreas, fazendo-a parecer-se com a Linguística Aplicada (porque a Linguística Aplicada não só aplica o conhecimento produzido pela Linguística como um todo, mas se vale do conhecimento de outras ciências, num processo transdisciplinar). Devemos

dizer também que alguns autores não a consideram de fato nem disciplina, nem metodologia, mas como uma rota pela qual se chega ao imenso território da Linguística (SARDINHA, 2000).

Atualmente, a Linguística de Corpus está intimamente ligada ao uso da computação, recurso que veio facilitar a vida dos linguistas. No passado, imensos corpora eram levantados manualmente, numa tarefa árdua e às vezes não muito precisa (SARDINHA, 2000).

Mas o que vem a ser um corpus? Sucintamente, poderíamos definir *corpus* como um conjunto de dados linguísticos representativos da língua que se quer investigar, arranjados de modo que seja possível o uso de computadores para o processamento de informações, que costumam ser volumosas; além disso, é relevante que o corpus siga uma delimitação pertinente ao fenômeno que se quer esmiuçar com o estudo (SARDINHA, 2000). A autenticidade do material, quer dizer, o fato de ter sido produzido por falantes nativos, de maneira espontânea, e não por linguagens artificiais, é indispensável. E é recomendável que o material não tenha sido produzido com o intuito de figurar em um corpus, pois daí não há naturalidade na produção, e a qualidade representativa do corpus fica comprometida. E, já que mencionamos a representatividade, não podemos nos esquecer que ela é um dos fatores mais cruciais na construção de qualquer corpus. Caso contrário, a própria credibilidade do estudo pode ser posta em dúvida se não há uma extensão mínima que garanta, ao menos, uma mínima representatividade. Falamos em extensão pois, em se tratando de língua, a realidade a ser investigada é um sistema probabilístico, em que certos traços ocorrerão mais que outros, e possui um tamanho dificilmente mensurável com precisão, mesmo com a ajuda das tecnologias disponíveis atualmente. Sendo assim, a solução para os dois problemas para os quais chamamos aqui atenção – o caráter probabilístico da língua e seu tamanho desconhecido – é montar um corpus o mais extenso possível. E quanto maior sua extensão, maior sua representatividade (SARDINHA, 2000). Apesar de nossas afirmações anteriores terem parecido categóricas, não podem ser tomadas como tal. Isso porque, segundo o autor consultado, Sardinha (2000), não há critérios seguramente objetivos para uma absoluta representatividade (daí, novamente afirmamos, a importância de uma grande extensão). Também ligada à representatividade está a especificidade: por ser impossível incluir toda uma língua em um corpus, é aconselhável limitar-se a um único tipo de variedade ou gênero textual.

Um último aspecto precisa ser explanado, que é a tipologia de nosso *corpus*. Lembrando: todos os trechos entre aspas foram retirados do artigo de Sardinha (2000, p.339-342):

- 1) MODO: “Escrito: composto de textos escritos, impressos ou não”.
- 2) TEMPO: “Contemporâneo: representa o período de tempo corrente”.
- 3) SELEÇÃO: “De amostragem (*sample corpus*): composto por porções de textos ou de variedades textuais, planejado para ser uma amostra finita da linguagem como um todo”; e também: “Dinâmico ou orgânico: o crescimento ou diminuição são permitidos [...]”.
- 4) CONTEÚDO: “Especializado: os textos são de tipos específicos (em geral gêneros ou registros definidos)”; e também: “Multilíngue: inclui idiomas diferentes”.
- 5) FINALIDADE: “De treinamento ou teste: construído para permitir o desenvolvimento de aplicações e ferramentas de análises”.

E, no caso do *corpus* que estamos propondo, como pensar sua representatividade?

Recordando-nos novamente a impossibilidade de se representar uma língua inteira dentro de um conjunto de dados, é claro que nosso *corpus* não será representativo das línguas que abordar, uma vez que estará sendo composto apenas por termos de parentesco, que não compõem por completo o léxico de nenhuma língua. Trata-se, afinal, de um campo restrito de uma realidade de já difícil delimitação. E ainda que fosse de algum modo representativo, ainda assim não o seria de todo, pois estaríamos confinados ao material lexicográfico que, mui certamente, não contempla a língua em toda sua extensão e, além disso, não podemos nos esquecer, foi feito não por falantes nativos, mas por observadores externos às línguas. Por ora, reconheçamos, estamos inevitavelmente presos ao material já feito sobre tais línguas que coletamos. É um empecilho incontornável para um aluno de graduação.

Diante dessas questões, poderíamos pensar em invalidar a proposta do banco de dados. Mas, no entanto, se pensarmos na impossibilidade de se fazer um estudo de campo linguístico e antropológico profundo dentro da duração de um projeto de iniciação científica – tentando arranjar o mais extenso número de dados possível para a melhor representatividade possível –, veremos logo que é o que podemos realizar no momento. Assim, como resolver o problema da representatividade senão encarando a proposta desse banco de dados como um passo inicial, talvez vacilante mesmo, mas com o intuito de criar algo mais criterioso e exato daqui a algum tempo, seja por nós ou não? Aliás, a questão da representatividade pode ser mais uma problemática a que aponta a proposta do projeto, qual seja, de refletirmos a respeito de um banco de dados contendo apenas termos de parentesco de línguas indígenas e como ele poderia ser construído do modo mais inteligente que se consiga.

### 5.3 Lexicografia

Por se tratar de trabalho metalexigráfico, faz-se necessário saber o que seja lexicografia e metalexigrafia, bem como lexicologia, sempre confundidas entre si por leitores menos atentos. Observando-se a própria morfologia desses termos tem-se uma noção do que a que se referem tendo-se em mente os significados costumeiros das partes dessas palavras: “léxico” está relacionado à “palavra”; “grafia” à “escrita”, “registro”; o prefixo “meta” tem o sentido de “auto” em certos vocábulos; e “logia” quer dizer “estudo”. Assim, pressupõe-se que “lexicografia” e “metalexigrafia” sejam, respectivamente, algo como “registro de palavras” e “registro sobre o registro de palavras”, e “lexicologia” o “estudo do léxico”. Leiamos Ferreira (2012, p.337):

A Lexicologia é um segmento da linguística que estuda o léxico de um dado idioma cientificamente, em diversos ângulos. Sua função seria, então, determinar a origem, a forma e o significado das palavras de um determinado acervo linguístico. [...]. Já a lexicografia, que é uma ciência instrumental, tem como objetivo a elaboração ou compilação de dicionários; enquanto a metalexigrafia se ocupa das análises e estudos que circundam os dicionários.

Sabendo-se agora o que querem dizer os termos lexicologia, lexicografia e metalexigrafia, passemos a discutir as relações que têm com o universo indígena.

Por razões históricas amplamente conhecidas, a colonização europeia do território hoje brasileiro conduziu um glotocídio. Rodrigues (1994 e 2000) informa que, atualmente, o número de línguas indígenas não chega a 200, ao passo que, à época da chegada dos europeus, o número pudesse ser bem maior. Embora os trabalhos de Rodrigues sejam de vários anos atrás, suas estimativas são consensuais, apresentando poucas e pequenas variações nos estudos publicados posteriormente. Aquilo que é óbvio, às vezes, necessita ser repetido, e assim procederemos: é vital que se registrem as línguas de nossos povos indígenas e que o registro seja cientificamente responsável. Mas não se deve pensar, para tanto, apenas na ciência Linguística; deve-se ter em mente os povos em si, cujas culturas são um inegável patrimônio humano. Os dicionários, portanto, são importantes instrumentos no resgate e no respeito aos universos indígenas. Concordamos com Biderman (2004, p.184) quando ela diz:

O dicionário é o depositário do acervo lexical da cultura. E como diz Alan Rey no Prefácio do *Petit Robert*: o dicionário é a memória lexical de uma sociedade; constitui o acervo e o registro das significações que nossa memória não é capaz de memorizar.

Muitos autores, ao mergulharem na lexicografia indígena, justificam-se afirmando o que acima expressamos, isto é, que os povos indígenas necessitam ter registros de sua cultura. Nossa concordância com esse ponto de vista é inequívoca e se torna mais forte quando nos lembramos como a cultura caraíba tem, cada vez mais, os destituído de espaço, seja geográfico, político ou linguístico. “A gramática e o dicionário são instrumentos pedagógicos de primeira linha”, nos ensina Borba (2003, p.301), de sorte que são ferramentas úteis na preservação linguística de um povo. Em nossa opinião, a escrita robustece qualquer língua, e provavelmente afeta até mesmo a visão que um povo tem de si, já que a língua, sabidamente, está sempre ligada à identidade de quem fala. Trabalhar com os indígenas de modo que eles elaborem tais instrumentos – dicionários e gramáticas – é armá-los linguisticamente para que tenham mais força em sua luta por direitos e reconhecimento.

Sempre, na história da humanidade, deve ter havido línguas com poucos falantes e aproximando-se do desaparecimento, mas não como na Amazônia de hoje, em que a média de falantes por língua é de aproximadamente 100. Aqui quase todas as línguas são anêmicas, falta-lhes o sangue das populações, e essa anemia aqui é epidêmica. (RODRIGUES, 2000, p.22)

O artigo de Aryon Rodrigues é de 2000, mas de lá para cá, para muitos povos, a situação demográfica tornou-se menos preocupante. Porém, como se vê pelos dados trazidos pelo ISA (2011, p.9 e seguintes), ainda há povos cuja demografia nos chama a atenção, e poucos contam com estudos etnográficos, independentemente de seus números populacionais.

Finalmente, pensamos que, se a lexicografia pode dar uma significativa contribuição aos povos indígenas, também o pode a metalexigrafia ao analisar materiais já produzidos e apontar perspectivas para outros que ainda virão.

Com esse propósito em mente sobre nosso próprio trabalho, começemos a esclarecer alguns conceitos importantes.

### 5.3.1 Conceitos lexicográficos

Há conceitos básicos sobre dicionários cujo conhecimento é imprescindível para uma discussão minimamente embasada. Welker (2004), sendo livro introdutório, traz-nos variados pontos de vista sobre a lexicografia, introduzindo-nos, dependendo do caso, a bem mais de uma concepção teórica sobre determinados conceitos da área, o que pode fazer de sua leitura um labirinto. Todavia, explicaremos, referenciando-nos para essa tarefa ao mesmo autor, alguns conceitos sem os quais nossa discussão seria truncada:

1) Macroestrutura: o conjunto de entradas, que pode variar de número conforme o objetivo editorial da obra;

2) Microestrutura: as informações que compõem o verbete; sua disposição deve ser seguida em todos os verbetes;

3) Cabeça do verbete: compõe-se de todas as informações que antecedem as definições da entrada (a entrada também é conhecida por “lema”); classe gramatical e variantes ortográficas são exemplos de informações que podem vir na cabeça do verbete;

4) Definição: grosso modo, trata-se da explicação, no corpo do verbete, sobre o que vem a ser a entrada. Dicionários bilíngues, segundo nosso autor, não têm definições, mas equivalências;

5) Exemplo ou abonação: são exemplificações de como tal ou tal acepção do lema é usada. Recomenda-se que venham em uma tipografia que os distinga do restante do texto no corpo do verbete. Também se recomenda que estejam presentes em dicionários bilíngues e, nesse caso, que sejam extraídos de textos autênticos da língua fonte;

6) Remissão: quando o consulente é orientado a procurar outro verbete por sinonímia, antonímia ou porque há uma relação semântica. O aconselhável é que a remissão seja feita em via dupla, isto é, X remeta a Y e Y remeta a X.

7) Equivalência: como mencionado anteriormente, na obra bilíngue não há definição, mas equivalência, que seria o modo, em língua alvo, de explicar a palavra da língua fonte. (No fim, mesmo em dicionários monolíngues o que se tem são equivalências, dado que não existe sinonímia perfeita, como indica Welker (2004, p.29).

8) Metalíngua: em um dicionário bilíngue, consiste na língua utilizada para levar ao consulente as informações sobre a palavra que busca no verbete. A metalíngua, portanto, não é usada apenas na microestrutura, mas na macroestrutura também, pois muitas obras expõem informações relevantes em seções anteriores à macroestrutura propriamente dita.

Não sentimos necessidade de aqui arrolarmos muitos mais conceitos da lexicografia, pois não se pretende – é sempre bom deixar claro – um trabalho analítico de fôlego.

Adiante, iniciaremos o breve exame de duas obras das línguas Deni e Rikbaktsa.

## **6 VERBETES E PARENTESCO DENI E RIKBAK TSA**

### **6.1 Análise dos verbetes**

Para traçar algumas considerações metalexigráficas, elencamos uns e outros elementos capazes de interferirem na qualidade do material.

Quatro obras serão nesta seção mencionadas (Apalaí, Deni, Paresí e Rikbaktsa, todas de autoria de missionários do SIL<sup>1</sup>) quanto aos seus aspectos lexicográficos, enquanto somente duas (Deni e Rikbaktsa) terão sua abordagem dos termos de parentesco discutida. Com exceção da obra Apalaí (KOEHN & KOEHN, 1995), que propõe ao leitor um “vocabulário”, as outras três propõem “dicionários”. As macroestruturas são semelhantes, apresentando capa, prefácio/introdução/apresentação, indicação de pronúncia e a macroestrutura propriamente dita, isto é, os verbetes, arrolados em ordem alfabética em seções igualmente organizadas assim (tanto no sentido L1>L2, quanto no sentido L2>L1). As obras Paresí (ROWAN, 2001) e Deni (KOOP & KOOP, 2008) apresentam gramáticas da língua antes das seções contendo os verbetes, enquanto Apalaí e Rikbaktsa (SIL BRASIL, 2007) não. Das quatro obras, apenas a Deni apresenta referências bibliográficas, nas quais não se encontra nenhuma menção a qualquer estudo antropológico sobre o povo Deni. O dicionário Rikbaktsa, por sua vez, é o único que traz um apêndice arrolando palavras por campos semânticos em seções separadas para cada um dos campos; tal apêndice localiza-se, no corpo da obra, como parte final, após mesmo a seção PB-LI; a seção desse apêndice reservada ao campo semântico “parentesco” simplesmente lista as palavras em LI seguidas de suas equivalências em PB. Em todas as obras têm-se os verbetes, nos dois sentidos (L1>L2, L2>L1), organizados em duas colunas verticais.

Ao longo da macroestrutura de todas elas não há registro de que algum estudo antropológico tenha sido consultado; tampouco há grades ou esquemas de parentesco, o que, em nossa visão, seria muito útil em obras dessa natureza, dado que invariavelmente tocarão na

---

<sup>1</sup> O Summer Institute of Linguistics, ou SIL, é uma organização cristã cujo intuito é documentar línguas pouco conhecidas pela ciência e, de quebra, praticar proselitismo religioso.

questão do parentesco, elemento de grande importância no modo como as culturas humanas se organizam e lidam com o mundo.

Quanto à microestrutura, escolhemos componentes que façam ver a fragilidade desses livros que se propõem como registro lexicográfico dessas línguas: cabeça do verbete, equivalências, abonações, remissões e metalíngua.

Vejamos duas tabelas que podem nos facilitar a compreensão:

Tabela 1: Itens presentes ou ausentes nos verbetes no sentido LI-PB

	Lema em negrito	Classe/info. gramatical	Equivalência	Abonação em negrito	Tradução da abonação	Remissão
APALAIÍ	✓	✓	✓	✓	✓	✓
DENI	✓	✓	✓			✓
PARESIÍ	✓	✓	✓	✓	✓	✓
RIKBAKTSA	✓		✓	✓	✓	

Tabela 2: Itens presentes ou ausentes nos verbetes no sentido PB-LI

	Lema em negrito	Equivalência	Classe/info. gramatical	Variante em negrito	Equivalência da variante	Classe/info. gram. da variante
APALAIÍ	✓	✓	✓			
DENI	✓ (s/ negrito)	✓		✓	✓	
PARESIÍ	✓	✓	✓	✓	✓	✓
RIKBAKTSA	✓ (s/ negrito)	✓ (em negrito)				

Para começar, devemos esclarecer como, no sentido LI-PB, os verbetes foram concebidos. Em comum, as obras trazem o lema sempre em negrito e a ordem que os demais componentes do verbete aparecem, mesmo quando um ou outro está ausente. Isso tudo também ocorre no sentido PB-LI. A única que não traz abonações é a da língua Deni; por outro lado, a única que não traz remissões é a Rikbaktsa.

Observando-se as duas tabelas acima, percebe-se que, em cada língua, se o caráter sistemático da estrutura dos verbetes é respeitado em cada seção, não é respeitado quando, em

cada uma das obras, se passa de uma seção à outra: em todas as 4 línguas, mudando-se da seção LI-PB para a PB-LI, a estrutura do verbete torna-se outra, visivelmente, nos quatro casos, fornecendo menos informações no sentido PB-LI. Os estudos teóricos da lexicografia recomendam que o autor seja sistemático na concepção dos verbetes (na cabeça do verbete e em seu enunciado lexicográfico), seja no sentido L1>L2, seja no sentido L2>L1, pois seria uma das práticas que facilitaríamos a leitura de dicionários bilíngues. Os missionários claramente não seguiram essa recomendação lexicográfica: todos eles seguiram à risca a ideia de, mudando-se de seção e sentido, mudar a estrutura do verbete. Deste modo, podemos afirmar que uma estrutura de verbete é escolhida pelos autores em questão a cada seção das obras.

No que tange às equivalências, vê-se, após breve consulta, que são incompletas, e não só com relação aos termos de parentesco, mas com relação a outros campos semânticos. Quando há certa neutralidade e precisão antropológica na equivalência, colocando-se, para exemplificar, “irmão da mãe” para “tio” ou “tio materno”, peca-se por não haver indicação se se trata de termo referencial ou vocativo, por exemplo, nem indicação de que com qual Ego está relacionado o tal “irmão da mãe”. Em verdade, no respeitante aos termos/sistemas de parentesco, que é assunto verdadeiramente complexo, não há dados que iluminem a leitura do consulente. É fato que não são todos os povos que ganharam análises antropológicas, visto mesmo as dificuldades intelectuais e logísticas para essas investigações científicas, que exigem trabalho de campo na maioria das vezes. Também é fato que os povos que já foram estudados em seus costumes e paradigmas sociais não apresentam bibliografia abundante, fácil ou acessível em toda e qualquer biblioteca ou site. Sabemos disso e em hipótese alguma pretendemos aqui menosprezar o esforço e o sacrifício desses autores. Reconhecemos suas obras como passos iniciais e, por isso, valorosos (FLORIDO, 2013, por exemplo, vale-se de KOOP & KOOP, 2008, o que demonstra o valor do que já foi feito pelos missionários). Porém, não se pode deixar de criticá-los, uma vez que nossa intenção é contribuir, não depreciar. Retornando às equivalências, a obra DENI apresenta seção PB-LI como se houvesse sinonímia perfeita entre os vocábulos de ambas as línguas: ora, se nem em uma mesma língua existe perfeita sinonímia dentre as unidades do léxico, que dirá de uma língua para outra.

O próximo item são as abonações que, por tradição lexicográfica, vêm grafadas em tipografia diferente, são criadas pelo autor ou coligidas de corpus representativo e são aconselháveis quando se tem um dicionário para produção textual, dado que exemplificam contextos de ocorrência do lema (para dicionários de recepção textual pensa-se que são menos

necessárias, pois o consulente, se consulta a obra, é porque encontrou a palavra já inserida em um contexto). Em sentido LI-PB, apenas as obras Apalaí, Paresí e Rikbaktsa possuem abonações em negrito seguidas de tradução. No sentido PB-LI, nenhuma apresenta abonações, sendo Deni e Paresí as obras que trazem, no lugar, variantes em negrito seguidas das equivalências em português, não muito detalhadas; além disso, das duas, Paresí é a única que dá informações gramaticais das variantes.

Passando para as remissões, em sentido LI-PB a única que não as faz é a obra Rikbaktsa. As outras três fazem, porém de modo falho, pois ou a palavra remetida não está presente na macroestrutura ou está, mas sem fazer a remissão inversa, o que gera o problema de o consulente não travar conhecimento sobre uma das palavras. Explica-se: se X remete a Y, mas Y não a X, tendo-se procurado, devido a contingências circunstanciais as mais diversas, primeiro por X, conhecer-se-á a Y, caso contrário, se as ditas contingências levarem a Y, têm-se reduzidas as chances de se conhecer a X. E nenhuma das obras acrescenta remissões nos verbetes do sentido PB-LI. Mais uma vez, podemos ver que não seguem uma metodologia de apresentação das informações ou, antes, sobre quais informações serão constantes. Não se pode esquecer que o recomendado, para maior praticidade e proveito do usuário, é que o que se decide por figurar em uma seção deve figurar na outra em se tratando de dicionários bilíngues com os dois sentidos,  $L1 > L2$ ,  $L2 > L1$ .

Por último, há a metalíngua, que em obras de tipo como as que por ora comentamos deve estar em ambas as línguas, a alvo e a fonte, dependendo do sentido da seção, ou apenas na alvo, que é a língua do público a que se dirige a obra. Os missionários escolheram o português como metalíngua, e, assim, mesmo no sentido LI-PB as poucas informações adicionais, quando aparecem, estão em português. Isso é problemático na medida em que os dicionários Apalaí, Paresí e Rikbaktsa afirmam explicitamente estar oferecendo uma obra de consulta tanto para não-indígenas quanto para indígenas, e estes últimos não têm o português como língua materna, embora possam, quem sabe, gozar de bilinguismo devido à situação de contato com a sociedade caraíba. No caso da Rikbaktsa, a obra nem sequer traz uma lista com as abreviaturas usadas na microestrutura, algo que poderia facilitar o uso de indígenas bilíngues, já que, como se disse, o português é a metalíngua em ambos os sentidos nas obras estudadas,  $L1 > L2$  e  $L2 > L1$ .

Além da carência de uma composição lexicográfica coerente, as obras parecem também não ser confiáveis do ponto de vista linguístico, impressão essa reforçada por nossa análise e por aquilo que Carvalho (2013, p.36) afirma: “não há, no Dicionário, nenhuma menção direta à fonologia Deni [...]”. Segundo ainda o mesmo autor, há poucos estudos

realizados sobre o Deni, e é muito provável que essa situação seja extensível às outras línguas no presente trabalho mencionadas.

Para além do desafio de se escrever uma obra que apresente coerência teórico-metodológica referente à lexicografia, existe o desafio do conteúdo da obra em si considerado. Fargetti (2015) aponta que, assim como é importante compor a obra de modo a satisfazer à academia e ao indígena (sem o qual a obra literalmente jamais existiria), mostra-se importante atentar à necessidade de o linguista consultar outras áreas do saber científico para que a macroestrutura traga verbetes realmente informativos. Ao invés de dar como equivalência, por exemplo, algo como “tipo de peixe”, o adequado seria a consulta a materiais e especialistas do ramo da ictiologia. O mesmo valeria, obviamente, para pássaros, répteis, aranhas, plantas, estrelas, parentesco, etc. Infelizmente, como se verá, os dicionários propostos costumam falhar nos quesitos abordagem lexicográfica, antropológica e semântica.

## 6.2 Parentesco Deni

Baseados em Florido (2013), escreveremos algumas linhas acerca do parentesco Deni, povo cuja língua Koop & Koop (2008), do SIL, estudaram, compilando-a em uma obra a que qualificaram como dicionário. O propósito é que se tenha uma noção das informações de um campo semântico que não se mostra fácil de se esgotar e que são ignoradas pela obra de Koop & Koop (2008), assim como a obra da língua Rikbaktsa (SIL BRASIL, 2007) no que tange ao seu respectivo sistema de parentesco. Os dados da língua Deni encontram-se ao final deste trabalho, na seção Anexos, de modo que o leitor verifique por si as informações ali coligidas.

O povo Deni, quando do nascimento de uma criança, tem o hábito de nomeá-la conforme o nome de quem seccionou o cordão umbilical. A pessoa a cortá-lo deve preferencialmente ter o mesmo sexo do bebê. O ato do corte transforma, automaticamente, a pessoa em parente do bebê, tendo ou não relação consanguínea com a mãe da criança, e o parentesco passa a ser simbolizado pela nomeação da mesma que, como dito, recebe o nome de quem lhe cortou o cordão umbilical em seu nascimento. Na oralidade, na referência cotidiana ao doador do nome e ao receptor, as pessoas da tribo acrescentam os adjetivos *hurasha* e *zati*, respectivamente. O intuito é esclarecer, no ato da fala, a relação de parentesco existente. O interessante é que Koop & Koop (2008) não arrolam o adjetivo *hurasha* ao longo da macroestrutura, e tampouco o mencionam, já que a obra carece de uma seção específica às questões do parentesco. No entanto, o adjetivo *zati* encontra-se à página 98, os autores trazendo-nos a informação de que se trata de adjetivo e advérbio, mas sem se referirem à

implicância que esta palavra tem no parentesco Deni. Ora, se a dita palavra está relacionada à nomeação de um Deni – e nem precisamos sublinhar a importância que o rito de nomear possui, dado que em nossa cultura também é imprescindível que se nomeiem as crianças tão logo nasçam –, retomando, se a dita palavra relaciona-se à nomeação, criando além disso uma relação de parentesco, a importância de seu registro lexicográfico está patente, e seria aconselhável que fosse feito. Todavia, é bom lembrar que, segundo Florido (2013), atualmente há nomeação de crianças sem que houvesse a presença do doador do nome no nascimento de seu receptor, o que explicaria algumas crianças indígenas portadoras de nomes de missionários ou de funcionários de ONG's, por exemplo.

Passemos agora à terminologia de referência, dando a palavra ao autor da dissertação:

Tomemos a terminologia de referência como ponto de partida, pois ela corresponde a uma espécie de quadro conceitual utilizado por todo e cada um dos humanos. Entre os Deni, as relações aparecem nomeadas de três maneiras na forma referencial: há os meus parentes, com quem tenho determinada relação (possuídos na 1ª pessoa), os seus (possuídos na 2ª pessoa) e os dele (sem marcação de posse). A única diferença entre os três parece ser que, quando se fala da(o/s) irmã(o/s) dele, não há marcação da idade relativa, ou seja, não parece haver termos para diferenciar os irmãos mais velhos e os mais novos de alguém. (FLORIDO, 2013, p.193).

Embora tenhamos, nos verbetes com termos de parentesco, a informação se se trata de termo vocativo ou de referência, ausente em outras obras – como a da língua Rikbaktsa –, os autores não expõem as três maneiras das relações referenciais entre os Deni, nem sua ressalva (a ausência de termos para se distinguir os irmãos mais novos ou mais velhos de quem se fala). Até onde depreendemos de nossas leituras em antropologia, a terminologia de referência é capital nos sistemas de parentesco por ser uma necessidade intelectual humana ter meios de referir-se, no discurso, a alguém que não seja necessariamente o interlocutor. Julgamos, por isso, ser necessária ao menos uma breve discussão acerca disso em uma obra lexicográfica, que inevitavelmente trará termos de parentesco.

Quanto à terminologia vocativa – outra necessidade discursiva humana – temos de dizer que, sempre segundo Florido (2013, p.214), apenas alguns termos de referência possuem correspondentes vocativos, e parte dos vocativos são oriundos do português. O uso de nomes pessoais se restringe quando se fala a uma terceira pessoa, predominando assim o uso dos vocativos no trato com o interlocutor. Novamente, embora o dicionário dos missionários traga a distinção, em seus verbetes, se se trata de termo referencial ou vocativo, as informações acima expostas estão ausentes. *Kupari* e *kunadu* seriam originárias de *compadre* e *cunhado*

(FLORIDO, 2013, p.216): *kunadu* valeria para posições que em nossa cultura seriam mesmo os “cunhados”, mas também para afins simétricos social e genealogicamente, isto é, com o “valor social” próximo do “cunhado” no sistema Deni; já *kupari* seriam afins distantes mas, apesar do distanciamento, considerados parentes; por fim, há entre os *kunadu* relação de reverência e respeito que não há entre os *kupari*. É de interesse saber que já existe influência, provavelmente há um certo tempo, da língua portuguesa sobre a língua Deni. Isso nos remete ao processo de aculturação, mas também a uma pergunta: havendo influência lexical do português sobre o Deni, já não haveria tido alguma influência da cultura caraíba sobre o próprio sistema de parentesco? Quer dizer, alguns paradigmas nas relações de parentesco já não poderiam ter sido modificados sob influência de nosso sistema? Sabe-se que, em algumas culturas indígenas, os próprios mitos de criação são modificados por influência dos mitos cristãos, por exemplo, apresentados a eles pelo proselitismo religioso. Não poderia ocorrer o mesmo com as interações sociais? Se sim, quais as implicações para os termos, dimensão linguística dessas estruturas sociais? Sem dúvida, são perguntas que o dicionarista não teria o dever de responder, mas cujo trabalho mais cuidadoso, acreditamos, auxiliaria a esclarecer. No que diz respeito ao que aqui mostramos sobre os vocativos Deni, infelizmente, Koop & Koop não citam nada.

Ao arrolar a palavra *mashi* em sua macroestrutura, o dicionário Deni dá a equivalência como “sobrinha (filha da irmã do falante masculino, filha do irmão da falante feminina)” (KOOP&KOOP, 2008, p.72), além de informar que se trata de termo vocativo. Mas os autores não dão a oportunidade de conhecermos que se um homem se casa com uma mulher que já tenha filhos e permanecer chamando uma das filhas de sua esposa de *mashi* ou invés de nora ou filha, poderia casar-se também com aquela filha em específico, pois o vocativo, usado desse modo, expressaria o desejo do homem de casamento (FLORIDO, 2013, p.217). Explicando melhor: *mashi*, na situação descrita, seria o equivalente à “sogra”, e não “sobrinha”, como nos informa o dicionário. Ao chamar a filha da esposa de “sogra”, como se ela fosse mãe da própria mãe, o termo vocativo possibilita o casamento por mudar o *status* da garota frente ao homem que contraiu matrimônio primeiro com sua mãe. A acepção de *mashi* como “sogra” parece-nos digna de figurar no corpo do verbete como equivalência possível, o que não ocorre.

Finalmente, antes de passarmos ao parentesco Rikabktsa, deixemos claro nosso conhecimento acerca das dificuldades no trabalho de campo, o que por vezes prejudica a coleta e o cruzamento de informações relevantes. Nossas críticas são feitas sob este

reconhecimento de que o trabalho lexicográfico não é fácil, havendo muito mérito em quem a ele se dedica.

### 6.3 Parentesco Rikbaktsa

Sondemos agora o parentesco do povo Rikbaktsa que, como tantos outros, passou a ter a língua estudada com mais atenção recentemente. Segundo Pires (2009, p.56), até 1962, quando missionários do SIL passaram a manter contato regularmente com os Rikbaktsa, a língua desse povo havia sido documentada apenas em listas de palavras. De início, então, já não podemos esperar trabalhos lexicográficos em abundância ou aprofundados, e a ressalva que fizemos quanto ao dicionário Deni ao final da seção anterior será reiterada: temos consciência do esforço que empregaram na feitura do dicionário Rikbaktsa e de sua consequente contribuição etnográfica, ainda que modesta.

Como procedemos com a língua Deni, não serão feitas análises exaustivas. O intuito, uma noção do parentesco Rikbaktsa, serão o foco.

A vida cerimonial e social deste povo, de acordo com Pires (2009, p.67) – autora da qual extrairemos as informações –, gira em torno do fato de que os Rikbaktsa, em sua cosmovisão, dividem os seres existentes no universo em duas seções complementares. Assim, a tribo é dividida em duas metades simétricas mas opostas, e os indivíduos pertencem a uma ou outra pela patrilinearidade – termo que indica que o parentesco é passado pelo pai. As metades chamam-se Arara Amarela (chamada *Makwaraktsa*) e Arara Cabeçuda (chamada *Hazobiktsa*). A divisão em metades visa reger as trocas econômicas, ritualísticas e organizar as possibilidades matrimoniais entre os indivíduos.

Neste sentido, o sistema dualista é responsável por formar grupos estáveis (mesmo que não perenes) cujo princípio constitutivo é o mesmo para as duas partes, e é ainda capaz de se reproduzir por gerações, operando a cada indivíduo que nasce. Este é o caso dos Rikbaktsa, cuja patrilinearidade opera na formação das metades e cada novo indivíduo se filia à metade de seu pai. Entretanto, para além da formação de grupos, o dualismo traz conseqüências sociológicas distintas e relevantes em cada lugar que opera. (PIRES, 2009, p.68).

Dada a importância e o alcance recorrente que possui a divisão em metades, que pode ser passada de geração em geração, perpetuando-se com o tempo, infelizmente não encontramos qualquer menção no dicionário Rikbaktsa a respeito. Nem mesmo no apêndice da obra à página 97, reservado aos termos de parentesco, encontramos alguma informação,

somente uma lista de palavras. O mesmo se dá com o casamento, recomendável que ocorra entre pessoas de metades opostas, isto é, exogâmico, sendo o endogâmico considerado vexatório (PIRES, 2009, p.77). Possivelmente há aí uma regra relacionada à proibição do incesto, assunto discutido anteriormente neste trabalho. Mesmo assim, a autora nos diz que, para um indivíduo ser desposável, basta que o chamem por um termo de parentesco que o localize, no nível linguístico, pelo menos, como integrante de um grupo do qual se tem potenciais parceiros devido à lógica da exogamia. O indivíduo em questão, reclassificado, passa a ser casável, o que denota certa flexibilidade na norma dualista, flexibilidade esta requerida conforme as conveniências e os limites do aceitável pela tribo (mas observe que na prática a exogamia se mantém, pois a troca de termos tem justamente essa função). Informações dessa monta não estão disponíveis na obra lexicográfica Rikbaktsa, o que a empobrece. Ainda sobre a questão exogâmica: a residência matrimonial é uxorilocal. Isso significa que, casados, homem e mulher moram na casa da família dela, havendo exceção a essa regra apenas quando a família do homem é muito influente. Neste segundo caso, temos a virilocalidade. Havendo filhos, como as mulheres podem relacionar-se sexualmente com vários homens, cabe a ela decidir, ao fim e ao cabo, quem é o pai, isto é, não obstante os laços serem patrilineares, quem os define com relação à prole é a mulher, não o homem.

Por último, uma citação complementar:

O vocabulário Rikbaktsa expressa por meio de seus termos as diferenças de sexo, geração, idade relativa, sexo de quem fala, sexo a quem se refere e também faz a distinção entre parentes linear/colateral e paralelo/cruzado. Além disso, ao ouvir um termo de chamamento é possível identificar se as pessoas são da mesma metade ou de metades opostas [...]. (PIRES, 2009, p.128).

Todas essas características acima comentadas compõem, dentre muitas outras, o sistema de parentesco Rikbaktsa. Não vemos razão pela qual se deva ignorá-las em uma obra lexicográfica, a despeito de entendermos, como já o afirmamos, certas contingências que possam torná-las de árduo acesso por um observador alienígena, ainda mais quando não se tem muitos estudos prévios realizados por pares em auxílio. A obra que se pretende um dicionário da língua Rikbaktsa, sem autor definido, motivo pelo qual pensamos que seja autoria de um grupo de pesquisadores do próprio SIL, enquanto órgão, falha no respeitante aos públicos a que se dirige: o caraíba e o indígena (vide a introdução, onde se encontram descritos os propósitos do livro e a quem se destina). Algo imbricado no funcionamento social como o sistema de parentesco não deve ser deixado de lado. O parentesco também é um

exercício de linguagem – sem a língua como seriam feitas as oposições e as identificações dos elementos dentro do sistema? Daí a pertinência de uma abordagem cuidadosa tanto quanto possível do parentesco. Suas implicações são antropológicas e linguísticas.

## CONCLUSÃO

Na seção “Objetivos” afirmamos ter dois fins, quais sejam, acúmulo de dados para o banco de dados do LINBRA e análise metalexiconográfica. Também fizemos algumas perguntas que seriam ou não respondidas pela pesquisa. Consideramos os resultados a que chegamos como positivos.

O trabalho de garimpo dos verbetes nos dicionários e seu arquivamento em formato JPEG, somando quase duas mil palavras é, em nossa visão, uma contribuição razoável, pois serão reunidas aos verbetes de outros campos semânticos coletados por outros orientandos do LINBRA. Conversas pessoais com os outros integrantes do grupo nos permitem estimar que seus trabalhos devem ter chegado a quantidades similares de verbetes. Esses dados serão geridos, posteriormente, pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristina Martins Fargetti, nossa orientadora.

As perguntas feitas serão respondidas. A primeira, relativa para quem estariam sendo pensados esses dicionários: com exceção daquelas obras que se enquadram na categoria de trabalhos acadêmicos orientados por linguistas, julgamos que as obras não são adequadas nem ao público caraíba nem ao indígena, e podemos, para essa conclusão, ter em mente os dicionários do SIL sobre a língua Deni e Rikbaktsa aqui discutidos. Eles exemplificam a baixa qualidade de um trabalho que se dirige a um público extenso demais. Não são carentes apenas de informações antropológicas, mas de lexicográficas também. A depender dos critérios, se o analista for rigoroso, tais obras nem seriam enquadradas como dicionários, mas listas de palavras (e até onde sabemos alguns trabalhos dos missionários são realmente assim chamados pela academia), visto que, mui provavelmente, o foco dos religiosos seja, antes que científico, de conversão místico-ideológica (por si só criticável) - temos aí respondida nossa segunda pergunta.

A terceira e seguintes, questionando a abordagem sobre os sistemas de parentesco e seus termos, nos autoriza a dizer que todas, umas mais, outras menos, deixam a desejar. Outra vez, o SIL merece as maiores críticas, pois se as teses são pobres em informações de parentesco, compensam com um trabalho linguístico de metodologia cuidadosa (não fosse dessa maneira esses trabalhos acadêmicos nem sequer teriam sido aprovados; se o foram, é

porque garantem ao leitor um mínimo de integridade e qualidade científicas). E repetimos que sabemos das dificuldades que pode encontrar um mestrando ou doutorando quando em campo: recursos financeiros limitados, tempo igualmente limitado, exigências burocráticas que tomam tempo, etc. O SIL, por outro lado, certamente em condições de ação diferenciadas (com maior aporte financeiro e maior tempo de trabalho com os informantes), peca por uma fragilidade nas duas frentes, a linguística e a antropológica. Contudo, deve-se reconhecer como Franchetto (2000, p.165) que, enquanto a interferência do SIL durou, de 1960 a 1980, introduzidos que foram por Mattoso Camara Jr. na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), algum conhecimento foi acumulado não obstante os propósitos sugeridos pelo SIL para suas próprias investigações não terem sido atingidos:

Mas não podemos negar que ao longo desse período se acumularam conhecimentos, um conhecimento factual, que formou a base dos estudos tipológicos que começaram nos anos oitenta. Há, então um continuum entre o estruturalismo norte-americano importado basicamente pelo SIL, e a abordagem tipológica atual, quadro em que se produz boa parte dos estudos mais recentes. (FRANCHETTO, 2000, p.166)

Acrescentemos à reflexão de Franchetto a de Hocart (1969), na visão de quem aos poucos se aprendem os significados de uma palavra de uma língua estrangeira (apreciação que cremos ser consensual entre os linguistas). Mas quando a língua é ágrafa, o problema é substancialmente agravado e, de acordo com o autor, "um grande número de investigadores jamais chega a ir além do primeiro emprego [sic] que se lhes depara uma palavra" (HOCART, 1969, p.39). O autor, em seguida, nos conta o caso da palavra *tama*, termo de parentesco na Melanésia. De início, pensou-se que se referia exclusivamente à figura masculina ocupante da posição "pai" no sistema de parentesco daquele povo. Passou-se a traduzi-la como tal. Mas com o decorrer do tempo, viu-se que a palavra *tama* era usada com outras figuras masculinas que ocupavam posições no sistema que não a de "pai". A conclusão – tardia e corretiva – foi dizer que *tama* seria sim o equivalente a "pai", mas que por vezes sofreria uma extensão de significado e, assim, também de emprego. A falta de evidências suficientes para a explicação final sobre o significado de *tama* foi sanada com pesquisa e tempo. A moral dessa história é que é preciso cuidado no trato com línguas que desconhecemos e que sejam ágrafas. Daí a importância daquilo que Fargetti (2016, no prelo) propõe, isto é, um estudo responsável que evite ao máximo possível a interferência de nossa cultura e mundivisão no registro de uma cultura estrangeira, senão todo um trabalho árduo pode ser perdido trazendo resultados viciados.

Uma solução sugerida por Fargetti (2015) para o evitamento de casos como o que Hocart (1969) registrou seria partir do nome próprio do parente do entrevistado depois de se ter elaborado, por meio de entrevistas, sua genealogia, isto é, seria indicado, na genealogia, um parente qualquer e o termo de parentesco a ele correspondente seria solicitado ao informante. Assim, tem-se uma maneira menos interferente naquilo que o nativo propôs a compartilhar. E como Fargetti (2015) sagazmente nos lembra, devemos pensar que a documentação das línguas indígenas, além de envolver índios e não índios do aqui e agora, também envolve as gerações futuras de pesquisadores e índios e, em todos esses casos, há a necessidade de um trabalho sério, cuidadoso, e que respeite o desejo de muitos índios de verem sua cultura ser preservada para o mundo e para a posteridade de seu povo.

Com isso tudo em mente, concluímos aqui nosso trabalho.

## REFERÊNCIAS (OBRAS TEÓRICAS)

BATESON, P. E o incesto? In: BROCKMAN, J.; MATSON, K. (Org.). **As coisas são assim**: pequeno repertório científico do mundo que nos cerca. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p.115-122.

BIDERMAN, M. T. C. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Vol.2. Campo Grande: Editora UFMS, 2004, 381p.

BORBA, F. S. **Organização de dicionários**: uma introdução à lexicografia. São Paulo: Editora UNESP, 2003, 356p.

CARVALHO, M. C. **Análise fonológica da língua Deni (Arawá)**. 2013. 108f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, 2013. Disponível em: <[http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93865/carvalho\\_mcm\\_me\\_arafcl.pdf?sequence=1](http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93865/carvalho_mcm_me_arafcl.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 05 ago. 2015.

CAVALCANTE, D.; MATEUS, I. D.; VANETI, L. L. **Pesquisas lexicais de línguas indígenas**: propostas metodológicas. 2017 (no prelo).

CRYSTAL, D. **Que é linguística?** Tradução de Eduardo Pacheco de Campos. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 1976, 50p.

FARGETTI, C. M. **Estudios del léxico de lenguas indígenas: ¿terminología?** 2016 (no prelo).

FARGETTI, C. M. Kinship and some lexicographic issues In: **Planning non-existent dictionaries**. 1 ed. Lisboa : Centro de Linguística da Universidade de Lisboa/Universidade de Aveiro, 2015, v.1, p. 134-142.

FERREIRA, M. D. Um trabalho metalexigráfico em dois dicionários bilíngues. In: FARGETTI, C. M. (Org.). **Abordagens sobre o léxico em línguas indígenas**. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2012, p. 335-354.

FLORIDO, M. P. **Os Deni do Cuniuá**: um estudo do parentesco. 2013. 291f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-12022014-124744/pt-br.php>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

FRANCHETTO, B. O conhecimento científico das línguas indígenas da Amazônia no Brasil. In: QUEIXALÓS, F.; RENAULT-LESCURE, O. (Org.). **As línguas amazônicas hoje**. São Paulo: ISA Socioambiental, 2000, p.165-182.

GHASARIAN, C. **Introdução ao estudo do parentesco**. Lisboa: Terramar, 1996, 231p.

HOCART, A. M. Sistemas de parentesco. In: LARAIA, R. B. **Organização social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969, p.39-49.

ISA. **Povos indígenas no Brasil: 2006/ 2010**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011, 735p. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=XXaFH9Y\\_z0sC&lpq=PP1&dq=povos+ind%C3%A9nigenas+no+brasil&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=XXaFH9Y_z0sC&lpq=PP1&dq=povos+ind%C3%A9nigenas+no+brasil&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 28 abr. 2014.

LÉVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Editora Vozes, 1976, 537p.

\_\_\_\_\_. A análise estrutural em linguística e em Antropologia. In:\_\_\_\_\_. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973a, p.45-70.

\_\_\_\_\_. Linguagem e sociedade. In:\_\_\_\_\_. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973b, p. 71-83.

\_\_\_\_\_. Linguística e antropologia. In:\_\_\_\_\_. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973c, p.85-99.

MARIE, A. Filiação, consanguinidade, alianças matrimoniais. In: AUGÉ, M. N. **Os domínios do parentesco (filiação, aliança patrimonial, residência)**. Lisboa: Edições 70, 1975, p.13-20.

PIRES, P. W. L. **Rikbaktsa: um estudo de parentesco e organização social**. 2009. 196f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03022010-102032/pt-br.php>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Edições Loyola, 1994, 134p.

\_\_\_\_\_. Panorama das línguas indígenas da Amazônia. In: QUEIXALÓS, F.; RENAULT-LESCURE, O. (Org.). **As línguas amazônicas hoje**. São Paulo : ISA Socioambiental, 2000, p.15-28.

SARDINHA, T. B. Linguística de Corpus: histórico e problemática. **DELTA**, São Paulo, v.16, n.2, 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502000000200005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000200005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 28 abr. 2014.

WELKER, H. A. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. 2ª edição revista e ampliada. Brasília: Thesaurus Editora, 2004, 304p.

## REFERÊNCIAS (OBRAS LEXICOGRAFICAS)

AIKHENVALD, A. Y.; BRITO, C.; BRITO, L.; BRITO, I.; BRITO, O.; BRITO, G. S.; BRITO, J.; BRITO, J. L. S.; BRITO, R. S. **Dicionário Tariana-Português e Português-Tariana**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Antropologia, v.17(1). Belém: 2001, 388p.

BETTS, L. V. **Dicionário Parintintin-Português/ Português-Parintintin**. Cuiabá: SIL Brasil, 1981, 231p. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publens/dictgram/PNDict.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

CALDAS, R. B. C. **Uma proposta de dicionário para a língua Ka'apór**. 2009. 334f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/8867>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

FERREIRA, V. R. S. **Estudo lexical da língua Matis**: subsídios para um dicionário bilingue. 2005. 211f. Tese (doutorado em Linguística) – Institutos de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2005. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000366107&fd=y>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

GRIFFTHS, V. R. S. **Dicionário da língua Kadiwéu**. Cuiabá: SIL Brasil, 2002, 343p. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publens/dictgram/KDDict.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

HALL, J.; McLEOD, R. A.; MITCHELL, V. **Pequeno dicionário Xavante-Português/ Português-Xavante**. Cuiabá: SIL Brasil, 1987, 343p. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publens/dictgram/XVDict.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

HARRISON, C.; HARRISON, C. **Dicionário Guajajara-Português**. Anápolis: SIL Brasil, 2013, 474p. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publens/dictgram/GJPtDic.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

KOEHN, E. H.; KOEHN, S. S. **Vocabulário básico Apalaí-Português**: dicionário da língua Apalaí. Brasília: SIL Brasil, 1995, 130p. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publens/dictgram/APDict.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

KOOP, G.; KOOP, L. **Dicionário Deni-Português**. Anápolis: SIL Brasil, 2008, 149p. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publens/dictgram/DNDict.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

RAMIREZ, H. **A língua dos Hupd'äh do alto Rio Negro**: dicionário e guia de conversação. São Paulo: Associação Saúde Sem Limites, s.d., 272p. Disponível em:

<[http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aramirez-2006-hupda/ramirez\\_2006\\_hupda.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aramirez-2006-hupda/ramirez_2006_hupda.pdf)>. Acesso em: 28 abr. 2014.

RIBEIRO, M. A. **Dicionário Djeoromitxi-Português**: registro da diversidade linguística do povo Jabuti. 2008. 165f. Dissertação (Mestrado em Letras e Pedagogia) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Campus de Guajará-Mirim, 2008. Disponível em: <[http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Aribeiro-2008a/ribeiro\\_2008a.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Aribeiro-2008a/ribeiro_2008a.pdf)>. Acesso em: 28 abr. 2014.

RIBEIRO, R. M. L. **Dicionário Arikapu-Português**: registro de uma língua indígena amazônica. 2008. 209f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Campus de Guajará-Mirim, 2008. Disponível em: <[http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese:ribeiro-2008/ribeiro\\_2008.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese:ribeiro-2008/ribeiro_2008.pdf)>. Acesso em: 28 abr. 2014.

ROWAN, O. **Dicionário Paresí-Português**. Cuiabá: SIL Brasil, 2001, 120p. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publens/dictgram/PCDict.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

SALZER, M.; CHAPMAN, S. **Dicionário bilíngue nas línguas Paumarí e Portuguesa**. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publens/dictgram/PMDic.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

SIL BRASIL. **Dicionário Maxakalí-Português**. Cuiabá: SIL Brasil, 2005, 127p. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publens/dictgram/MXDicPT.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

SIL BRASIL. **Dicionário Rikbaktsa-Português/ Português-Rikbaktsa**. Cuiabá: SIL Brasil, 2007, 100p. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publens/dictgram/RKDic.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

SILVA, D. **Estudo lexicográfico da língua Terena**: proposta de um dicionário bilíngue Terena-Português. 2013. 293f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, 2013. Disponível em: <[http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102358/silva\\_d\\_dr\\_arafcl.pdf?sequence=1](http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102358/silva_d_dr_arafcl.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 28 abr. 2014.

SILVA, G. F. **Construindo um dicionário Parakanã-Português**. 2003. 179f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2003. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publens/dictgram/PKDic.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

SOUSA, M. F. L. **Dicionário da língua Wari’Oro Mon-Português**. 2009. 140f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Centro de Estudos Linguísticos da Amazônia, Universidade Federal de Rondônia, Campus de Guajará-Mirim, 2009. Disponível em: <[http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Asousa-2009/sousa\\_2009.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Asousa-2009/sousa_2009.pdf)>. Acesso em: 28 abr. 2014.

VOGEL, A. **Dicionário Jarawara-Português**. Cuiabá: SIL Brasil, 2006, 267p. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publens/dictgram/JADictPT.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

## BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, G. A. **Fonologia e morfologia da língua Maxakalí**. 2000. 144f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2000. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000204058>>. Acesso em: 05 ago. 2015.

BARBOSA, G. C. **Os Aparaí e Wayana e suas redes de intercâmbio**. 2007. 228f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-27112009-104126/pt-br.php>>. Acesso em: 05 ago. 2015.

BORTOLETTO, R. **Morfologia social Paresí: um etnografia das formas de sociabilidade em um grupo Aruak do Brasil Central**. 1999. 138f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Estadual de Campinas, 1999. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000188912>>. Acesso em: 05 ago. 2015.

BRAGGIO, S. L. B. **Aspectos fonológicos e morfológicos do Kadiwéu**. 1981. 76f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1981. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000046838>>. Acesso em: 05 ago. 2015.

FERNANDES, R. C. **Política e parentesco entre os Kaingang: uma análise etnológica**. 2003. 288f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2003.

FERREIRA, R. V. **Língua Matis: aspectos descritivos da morfossintaxe**. 2001. 171f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2001. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000218970>>. Acesso em: 05 ago. 2015.

\_\_\_\_\_. **Língua Matis (Pano): uma descrição gramatical**. 2005. 316f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2005. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000366126>>. Acesso em: 05 de ago. 2015.

FLORIDO, M. P. **As parentológicas Arawá e Arawak**: um estudo sobre parentesco e aliança. 2008. 224f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-22012009-173530/pt-br.php>>. Acesso em: 05 ago. 2015.

SOUZA, M. C. **O traço e o círculo**: o conceito de parentesco entre os Jê e seus antropólogos. 2002. 668f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <[http://www.uft.edu.br/neai//file/diss\\_marcela.pdf](http://www.uft.edu.br/neai//file/diss_marcela.pdf)>. Acesso em: 05 ago. 2015.

POPOVICH, F. B. **A organização social dos Maxakali**. 1980. 51f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade do Texas, Arlington, 1980. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publens/anthro/MXSocOrg.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2015.

QUINTINO, W. P. **Aspectos da fonologia Xavante**. 2000. 159f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2000. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000212813>>. Acesso em: 05 ago. 2015.

## **ANEXOS**

## ANEXO A – TERMOS DE PARENTESCO DENI

Planilha de termos de parentesco Deni no sentido LI > PB<sup>2</sup>

<b>Língua: DENI (LI &gt; PB)</b>			
<b>Vocábulo</b>	<b>Informações gerais</b>	<b>Significado</b>	<b>Página (no PDF)</b>
<b>A, a</b>			
a'a	S.f./ Termo vocativo/ V. <i>ami, ime'eni</i>	Mãe.	44
abi	S.m./ Termo vocativo e de referência/ V. <i>ime'i, vava</i>	Pai.	44
abuni	S.m./ Termo vocativo e de referência/ V. <i>vabumi</i>	Cunhado potencial do homem; amigo do homem.	44
adi	S.f./ Termo vocativo e de referência	Irmã mais velha (filha da mãe, filha do irmão do pai, filha da irmã da mãe).	44
ami	S.f./ Termo vocativo e de referência (somente nas 1ª e 2ª p.)/ V. <i>ime'eni</i>	Mãe.	45
ashu	S.f./ Termo vocativo e de referência	Irmã do pai; sogra.	46
atizu	S.f./ Termo vacativo e de referência	Avó.	47
avini	S.2g./ Termo de referência/ V. <i>uvini</i>	Esposa(o) potencial; amiga do homem; amigo da mulher; cunhada do homem; cunhado da mulher.	48
azu	S.m./ Termo vocativo e de referência	Irmão mais velho (filho do pai e mãe; filho do irmão do pai; filho da irmã da mãe.	48
<b>B, b</b>			
banaha	S.2g.	Pessoa escolhida como futuro marido ou esposa de alguém.	49
bedeni	S.f., adj.f., adv.f.	Filha; prole fêmea (s.). Pouca; pequena (adj.f.). Pouca (adv.f.).	50
bedi	S.m., adj.m., adv.m.	Filho; prole macho (s.). Pouco; pequeno (adj.m.). Pouco (adv.m.).	50
biridi	S.m./ Termo de referência	Avô.	50
<b>D, d</b>			
da'u	S.m./ Termo de referência	Filho (filho próprio, filho do irmão do falante masculino, filho da irmã da falante feminina).	52

<sup>2</sup> KOOP, G.; KOOP, L. **Dicionário Deni-Português**. Anápolis: SIL Brasil, 2008, 149p. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publens/dictgram/DNDict.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

<b>E, e</b>			
<b>H, h</b>			
hedi	S.m./ Termo de referência	Irmão da mãe.	56
hinu	S.2g./ Termo vocativo	Neto, neta.	58
hinudini	S.2g./ Termo de referência	Neto, neta.	58
hirubadi	S.m./ Termo de referência	Sobrinho, filho da irmã do falante masculino, filho do irmão da falante feminina.	58
hirumadini	S.f./ Termo de referência	Sobrinha, filha da irmã do falante masculino, filha do irmão da falante feminina.	58
hivenideni	S.f.	Prole; progênie.	58
<b>I, i</b>			
ibuva	S.2g.	Parente, especialmente pessoa da família imediata.	59
ime'eni	S.f., adj.f./ Termo de referência/ Masc.: <i>ime'i</i> / V. <i>ami</i>	Mãe, genitora feminina (nunca usado para se referir à própria mãe, mas sempre à de outro). Genitora feminina de qualquer organismo biológico (s.). Grande (adj.f.).	60
ime'i	S.m., adj.m./ Termo de referência/ Fem.: <i>ime'eni</i> / V. <i>abi</i>	Pai, genitor masculino (nunca usado para se referir ao próprio pai, mas sempre ao de outro). Genitor masculino de qualquer organismo biológico (s.). Grande (adj.m.).	60
inu	S.m., s.f./ Termo vocativo e de anatomia	Filha (filha do irmão do falante masculino, filha da irmã da falante feminina); irmã mais jovem (filha do pai, do irmão do pai, da irmã da mãe) (s.f.). Dente; ponta (s.m.).	61
<b>K, k</b>			
karadi	S.f./ Termo vocativo e de referência	Filha da irmã do pai da falante feminina, filha do irmão da mãe da falante feminina.	63
karipene	S.f./ Termo de referência	Irmã mais jovem (filha da mãe, filha do irmão do pai, filha da irmã da mãe).	63
kuku	S.m./ Termo vocativo e de referência	Irmão da mãe; sogro.	65
kurumi	S.m.	Criado, empregado; freguês. Parente masculino mais novo que pode ser mandado e por quem aquele que o manda fica responsável.	66
<b>KH, kh</b>			
khabu	S.m./ Termo de referência	Irmão mais jovem (filho do pai, filho do irmão do	67

		pai, filho da irmã da mãe).	
khavini	S.2g./ Termo de referência/ V. <i>uvini</i>	Esposa(o) potencial; amiga do homem; amigo da mulher.	68
<b>M, m</b>			
makhi	S.m.	Masculino; macho; homem; marido.	71
mashi	S.f./ Termo vocativo/ Masc.: <i>tati</i>	Sobrinha (filha da irmã do falante masculino, filha do irmão da falante feminina).	72
mashudini	S.f./ Termo de referência/ V. <i>ashu</i>	Irmã do pai; sogra.	72
( )me	Sufixo no nome/ V. ( ) <i>meni</i>	Pai de.	72
( )meni	Sufixo no nome/ V. ( ) <i>me</i>	Mãe de.	72
<b>N, n</b>			
<b>P, p</b>			
panadi	S.f.	Esposa	78
<b>PH, ph</b>			
<b>R, r</b>			
<b>S, s</b>			
<b>SH, sh</b>			
shuvi	S.m./ Termo vocativo	Filho; filho do irmão do falante masculino; filho da irmã da falante feminina; irmão mais jovem; filho do irmão do pai e filho da irmã da mãe mais jovem que o falante.	86
<b>T, t</b>			
tati	S.m./ Termo vocativo/ Fem.: <i>mashi</i>	Sobrinho (filho da irmã do falante masculino, filho do irmão da falante feminina).	88
<b>TH, th</b>			
<b>U, u</b>			

uni'i	S.f., pron.f./ Masc.: <i>uva'ai</i>	Irmã da pessoa de quem se fala (s.). Outra da mesma categoria, outra do mesmo nome; a próxima (pron.).	91
uva'a	S.m., pron.m./ Fem.: <i>uni'i</i>	Irmão da pessoa de quem se fala (s.). Outro da mesma categoria, outro do mesmo nome; o próximo (pron.).	92
uvini	S.f./ Termo vocativo	Esposa(o) potencial; amiga do homem; amigo da mulher; cunhada do homem; cunhado da mulher.	92
<b>V, v</b>			
vabu/vabumi	S.m./ Termo de referência/ V. <i>abuni</i>	Cunhado potencial ou real do homem; amigo do homem.	93
vava	S.m./ Termo vocativo	Pai	95
<b>Z, z</b>			

## Planilha de termos de parentesco Deni no sentido PB &gt; LI

<b>Língua: DENI (PB &gt; LI)</b>			
<b>Vocábulo</b>	<b>Informações gerais</b>	<b>Significado</b>	<b>Página (no PDF)</b>
<b>A, a</b>			
amiga do homem		uvini, khavini.	104
amigo da mulher		uvini, khavini.   <i>_do homem</i> abuni, vabu ou vabumi	104
avó		atizu, midini	107
avô		atuvi, biridi	107
<b>B</b>			
<b>C</b>			
clã deni, nome de_		makhuvideni, shivakudeni, dimadeni, kunivadeni, tamakurideni, upanavadeni, varashedeni	111
cunhado/a		<i>_a do homem</i> uvini.   <i>_o da mulher</i> uvini.   <i>_o potencial ou real do homem</i> abuni (termo vocativo); vabu ou vabumi (termo de referência).	114
<b>D, d</b>			
<b>E, e</b>			
esposa		panadi.   <i>_do tuxaua</i> pataruva.   <i>_potencial</i> uvini, khavini	120
esposo potencial		uvini, khavini	120
<b>F, f</b>			
filha		inu, tu, bedeni	122
filho		da'u, shuvi, bedi	122
<b>G, g</b>			
genitor masc.		ime'i	124
<b>H, h</b>			
<b>I, i</b>			
irmã		<i>_da pessoa de quem se fala</i> uni'i.   <i>_do pai</i> mashudini.   <i>_mais jovem</i> karipene.   <i>_mais velha</i> adí	126
irmão		<i>_da mãe</i> kuku.   <i>_da mãe, termo de referência</i> hedi.   <i>_da pessoa de quem se fala</i> uva' a .   <i>_mais jovem</i> khabu	126

<b>J, j</b>			
<b>L, l</b>			
<b>M, m</b>			
mãe		a'a, ami	129
mãe de		_meni	129
marido		makhi	129
<b>N, n</b>			
neto, neta		hinudini, hinu	132
<b>O, o</b>			
<b>P, p</b>			
pai		aba.   _vava.   <i>_de -me.</i>   <i>_ , genitor masculino ime'i</i>	134
pajé		zuphinehe	134
pessoa		madi.   <i>_escolhida como futuro marido ou esposa de alguém</i> banaha.   <i>_indigena</i> madiha	136
<b>Q, q</b>			
<b>R, r</b>			
<b>S, s</b>			
sobrinha		mashi, hirumadini	143
sobrinho		tati, hirubadi	143
sogra		mashudini	143
sogro		kuku	143
solteiro, solteira		kahude	143
<b>T, t</b>			
termo vocativo		unvini	145
<b>U, u</b>			
<b>V, v</b>			

<b>X, x</b>			
<b>Z, z</b>			